

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-2 - Organização e Representação do Conhecimento

ENTRE A ABORDAGEM ANALÍTICA E OS *LOCI* EPISTÊMICOS: UM DEBATE METAMETODOLÓGICO PARA A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Tatiana de Almeida - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/
Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ)

Gustavo Silva Saldanha - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/
Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ)

BETWEEN ANALYTICAL APPROACH AND EPISTEMICAL LOCI: A METAMETHODOLOGICAL DEBATE FOR THE KNOWLEDGE ORGANIZATION

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: A pesquisa trata da Organização do Conhecimento como um coletivo acadêmico e científico que tem aporte teórico, metodológico e de competências para analisar outras esferas de saberes, mas também pode analisar a si próprio. O objetivo do estudo é traçar uma primeira demonstração de demarcação dos *loci* epistêmicos da Organização do Conhecimento na atualidade. A pesquisa parte de uma reflexão sobre a constituição de um debate epistemológico da e para a Organização do Conhecimento e indica uma dupla via metametodológica: uma direção analítico-conceitual, estruturada em Dahlberg, e, outra, discursiva, fundada epistemológico-historicamente no século XVII. Essa segunda via se configura na abordagem dos *loci* epistêmicos, porém, ambas têm um solo epistemológico comum: Aristóteles. A analítico-conceitual recebe influência de “um” Aristóteles do *Organon* e a discursiva de um “outro” Aristóteles, o da Retórica. O estudo, ainda, atenta para o ponto de vista epistemológico-histórico de Emanuele Tesaurò, já influenciado pela visão aristotélica, bem como em abordagens epistemológicas atuais, como antevistas em Rafael Capurro e García Gutiérrez. Como resultados da aplicação metametodológica, atestamos que ambas as vias atendem adequadamente a um objetivo central do estudo que é traçar uma experiência teórico-metodológica no âmbito da Organização do Conhecimento. Dois caminhos, pois, foram aqui trilhados e seguem seu curso. O primeiro representa a construção de uma reflexão sobre as próprias abordagens teórico-metodológicas da Organização do Conhecimento. O segundo aponta para a capacidade de adoção dos pressupostos teóricos e das ferramentas metodológicas desse coletivo para refletir a própria configuração epistemológica do que hoje tratamos como “organização do conhecimento”. Como considerações finais, apontamos, pois, que será a convergência das duas dimensões metametodológicas, por sua vez, a responsável por uma compreensão crítico-histórica do contexto nacional de desenvolvimento da Organização do Conhecimento.

Palavras-Chave: Organização do Conhecimento; Método analítico-conceitual; *Loci* Epistêmicos; Metametodologia.

Abstract: The research deals with the Knowledge Organization as an academic and scientific group that has theoretical, methodological and competence to analyze other spheres of knowledge, but also can analyze itself. The objective of the study is to draw a first demonstration of demarcation of the epistemic *loci* of the Knowledge Organization in the present time. The research starts from a reflection on the constitution of an epistemological debate of the and for the Knowledge Organization and indicates a two-way metamethodological approach: an analytical-conceptual direction, structured in Dahlberg, and another, discursive, epistemologically-historically founded in the seventeenth century. This second way is configured in the approach of epistemic loci, but both have a common epistemological ground: Aristóteles. The analytic-conceptual is influenced by "one" Aristóteles of the Organon and the discursive of an "other" Aristóteles, that of Rhetoric. The study is still attentive to the epistemological-historical point of view of Emanuelle Tesouro, already influenced by the Aristotelian view, as well as in current epistemological approaches, as foretold in Rafael Capurro and García Gutiérrez. As results of the meta-methodological application, we attest that both ways adequately meet a central objective of the study that is to draw a theoretical-methodological experience within the scope of the Knowledge Organization. Two paths have been trodden here, and they are on their course. The first represents the construction of a reflection on the theoretical-methodological approaches of the knowledge organization. The second points to the ability to adopt the theoretical assumptions and the methodological tools of the knowledge organization to reflect the very epistemological configuration of what we now call the "knowledge organization". As final considerations, we point out that it will be the convergence of the two metamethodological dimensions, in turn, responsible for a critical-historical understanding of the national context of development of the Knowledge Organization.

Keywords: Knowledge Organization; Analytical-Conceptual Method; Epistemic *Locis*; Metamethodology.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, pesquisas científicas acerca do incremento e da propagação de áreas do conhecimento vêm sendo desenvolvidas com o intuito de contribuir, tanto para reflexões sobre o avanço e as tendências da pesquisa nos contextos teórico e prático em que se desenvolve, quanto para alimentar os processos de avaliação institucional.

O estudo dos *loci* epistêmicos está inserido nas discussões acerca do meio acadêmico e científico, sobre a existência e o espaço onde os discursos sobre as teorias, os modelos, os métodos e as técnicas se encontram, em aproximação ou em distanciamento. Seja pelo intuito de compreender o desenvolvimento e o direcionamento da ciência, seja pelo que podemos nomear de propósito intelectual de determinar a natureza e o escopo do conhecimento humano, seja pela necessidade de representação das dinâmicas sociais e culturais das práticas científicas. Essas necessidades sempre existirão por diversas razões que fundamentam a tentativa de dissecar, examinar e entender a verdadeira dinâmica e proporção de uma ciência. Ou seja, estamos aqui no plano epistemológico, propriamente dito.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Etimologicamente, “epistemologia” significa discurso (*logos*) sobre a ciência (*episteme*), que consiste no segmento da filosofia que investiga a natureza e a origem do conhecimento. De acordo com Tesser (1994, p.92) sua tarefa principal consiste “na reconstrução racional do conhecimento científico, conhecer, analisar, todo o processo gnosiológico da ciência”. Ainda nas palavras do autor, podemos descrever que ambicionamos traçar um “estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais” (TESSER, 1994, p.92). O que podemos extrair do significado desse conceito para a pesquisa que estamos nos propondo a realizar é que pretendemos desenvolver um estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados de uma determinada ciência ou de parte de seus coletivos de produção científica reunidos sobre macroconceitos, a saber, os coletivos em Organização do Conhecimento e seus resultados investigativos. Especificamente, procuramos compreender o escopo de discursos concentrados sob a noção de “organização do conhecimento”.

A Organização do Conhecimento (OC) é abordada neste estudo como um coletivo de pesquisadores, de abordagens e de conceitos em curso que apresenta ainda bastante divergência no que concerne seu *corpus* de atuação prática, sua rede teórica de autores e sua teia de conceitos e definições.

A descrição do percurso e desenvolvimento da OC como um coletivo acadêmico e científico traz à tona as questões epistemológicas sobre esse espaço de práticas e saberes que tem aporte teórico, metodológico e de competências para analisar outras esferas de saberes, mas também pode analisar a si próprio. Sob essa perspectiva, no plano do presente estudo, em diálogo com as próprias teorias da OC, entendemos por *loci* epistêmicos os espaços, ou seja, os lugares de uso e desenvolvimento de teorias e metodologias presentes no âmbito da OC.

Sob a esfera das perspectivas apresentadas, nos propomos no presente estudo a sistematizar algumas das metodologias existentes na OC para que sejam utilizadas de forma estruturada com o objetivo de demonstrar os lugares ocupados pela OC atualmente, ou seja, o estudo objetiva traçar uma primeira demonstração de demarcação dos *loci* epistêmicos da Organização do Conhecimento na atualidade. Nesse sentido, o objetivo do texto está ancorado na relação entre metodologia da OC e a própria construção do pensamento em OC, respondendo, pois, por um movimento reflexivo metametodológico.

2 MÉTODO ANALÍTICO CONCEITUAL: UM MODO DE META RECONHECIMENTO

Os problemas referentes às estruturas definitórias têm sido objetos de estudos diversos na língua geral, com problemas levantados por linguistas e lexicógrafos. Já no âmbito das línguas especializadas, nos últimos 40 anos, eles começaram a ser objeto de estudos sistemáticos. Identificar questões em relação às definições e suas características em um dado domínio, no caso a Organização do Conhecimento (OC), nos parece uma atividade bastante apropriada tendo em vista os objetivos dessa pesquisa.

Para Dahlberg qualquer tarefa de organizar o conhecimento deve ter como base as unidades do conhecimento, que nada mais são do que os conceitos, ou seja, “uma unidade de conhecimento (conceito) é a síntese das características essenciais de um referente a ser representado por designações (termos, nomes, códigos). (DAHLBERG, 2011, p. 69)”.

Dahlberg ainda adverte que conceito tem sido entendido como “o significado de uma palavra” e tratado dessa forma na literatura da área, sendo que este é o sentido linguístico. Para os interesses da OC, importa a concepção de representação de uma dada realidade demonstrada pelo conceito (DAHLBERG, 2011, p. 69).

A autora defende que “o conhecimento por si só não pode ser apreendido ou representado a menos que seja apresentado por unidades do conhecimento e suas possíveis combinações em palavras/termos ou afirmações”, ou seja, essa ‘unidade do conhecimento’ pode ser interpretada como uma redução da informação que pode ser representada por meio de um conceito (DAHLBERG, 1993, p. 211).

Na visão de Dahlberg o conceito é o insumo básico para tarefa de organização do conhecimento, o conceito como apresentação de uma síntese de ideias pode abranger vários descritores, ou palavras representativas de um dado domínio. O conceito deve ser analisado de forma crítica e ser pensado em sua importância e implicações, pois encerra em si conhecimentos de acordo com o contexto em que está inserido. Por isso, deve exprimir de forma clara o sentido que possui no contexto da representação, isso implica compreender que, nem sempre esse significado estará pronto em um glossário ou dicionário especializado. Portanto, poderá ser construído segundo as características específicas, de acordo com o domínio a que pertence. (DAHLBERG, 1983; CAMPOS, 2001).

O mesmo peso de importância e atenção que damos no momento da construção de uma definição, também deve ser levado em conta quando necessitamos analisar definições, com vistas a entender um coletivo acadêmico ou científico (como uma área, campo ou

domínio), como ele se estrutura ou pesquisar novos conhecimentos a partir de conceitos pré-existentes. Dessa forma, se torna indispensável que as análises sejam focadas em métodos consistentes para que verificações científicas possam ser realizadas.

De acordo com Campos (2001, p. 103), o modelo de análise conceitual proposto por Dahlberg é constituído pelo referente, suas características e a forma verbal pela qual é expresso. Cada afirmação correta sobre o referente é um elemento de conhecimento sobre ele e o total de afirmações corretas sobre o referente forma a unidade de conhecimento, ou seja, o conceito. Para acrescentar à explicação, Dahlberg destaca que:

Se o conhecimento pode ser considerado a totalidade de proposições verdadeiras sobre o mundo, existindo - em geral - nos documentos ou nas cabeças das pessoas, então conhecimento parece existir também em todas as afirmações verdadeiras (em todos os julgamentos) em todas as proposições científicas que obedecem a um postulado verdadeiro. Foi proposto considerar ciência como um conjunto de tais proposições sobre uma área de estudos que se unem numa relação de fundição [...]. Se nossas ciências são construídas sobre proposições e elas podem ser consideradas como unidades do conhecimento, então tais unidades podem ser passíveis de verificações científicas (DAHLBERG, 1978, p.5).

Ainda de acordo com a Teoria do Conceito, as características relevantes do conceito são, portanto, os elementos constitutivos da definição. O ponto principal no estabelecimento das definições dos conceitos está na identificação das características. Pois ela fornece um padrão para definição, classificando-as conforme a categoria do conceito: definição genérica, partitiva ou funcional (DAHLBERG, 1983). De acordo com Campos:

A Teoria do Conceito possibilitou uma base mais sólida para a determinação e o entendimento do que consideramos conceito, para fins de representação/recuperação da informação (CAMPOS, 2001, p.87).

A definição genérica permite identificar a categoria do conceito, a partitiva os componentes do conceito definido, e a funcional insere o conceito como elemento integrador no contexto analisado, ou seja, ela permite que se identifique, na definição, a função ou finalidade do conceito dentro da área em questão.

Dahlberg (1978, p.14) também faz distinção entre as características que constituem um conceito, características constitutivas dos conceitos (onde as características necessárias são iguais às essenciais); opondo-se as características possíveis, que são qualquer uma daquelas que um dado tipo de referente pode adquirir, mas que não são necessárias para a constituição de um conceito; além das características consecutivas ou implícitas resultam daquelas constitutivas dos conceitos por implicação.

Observa-se, então, que os diferentes modos de definir podem levar aos diferentes tipos de definição. Não é possível privilegiar-se somente de um tipo de definição, porque os conceitos de uma área de assunto são de níveis diversos (conceitos gerais e específicos) e de natureza categorial diversa (objeto, propriedade, processo).

É preciso, portanto, chegar a um modelo de enunciado capaz de atender às especificidades da OC. Para tanto, consideramos que a forma definitória deve ser determinada tanto a partir do nível do conceito, como, principalmente, de sua natureza categorial, para que se obtenham os elementos necessários à caracterização do conceito e, quando pertinente, sua função. Em cada caso, deve-se tentar identificar os modelos mais apropriados de definição.

Assim, pretende-se observar no desenvolvimento da pesquisa quais elementos deverão constituir uma definição que possa revelar não apenas o posicionamento do conceito de OC atualmente, mas também a descrição de fatos que envolvam tal conceito.

3 MÉTODO DISCURSIVO: OS *LOCI* EPISTÊMICOS NA OUTRA BORDA DOS ESTUDOS METAMETODOLÓGICOS DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A abordagem aqui entendida como *loci* epistêmicos procura reposicionar o conceito em uma dada dinâmica discursiva, o que descortina suas ações como fruto de um dado coletivo social, em um dado espaço, em um dado tempo. Trata-se, pois, de uma maneira geral, de compreender os ambientes de formação, de sedimentação, de dispersão e de apropriação dos conceitos.

O movimento permitido pela noção de *loci* epistêmicos, base conceitual em desenvolvimento dentro do próprio contexto de constituição do estudo, ampara a relação entre uma vertente analítica e uma abordagem sociodiscursiva do objeto. Em outros termos de fundamentação teórica dos *loci* epistêmicos, o estudo reencontra a tradição retórica do pensamento filosófico (e das lutas, entre linguagem e pensamento, que envolvem essa tradição). A noção de lugar ocupa aqui uma relevância estratégica para inúmeras discussões, tomando a questão do espaço para além de sua significação imediata, como extensão ou mesmo duração.

Os lugares epistêmicos partem, no sentido retórico, da demarcação dos tropos, formas de fixação da linguagem e de sua configuração em signos verbais. Na definição foucaultiana, trata-se, na verdade, da função primordial da linguagem, em diálogo com a gramática:

[...] de um lado, a **Retórica**, que trata das **figuras e dos tropos**, isto é, da **maneira como a linguagem se espacializa nos signos verbais**; de outro, a Gramática, que trata da articulação e da ordem, isto é, da maneira como a análise da representação se dispõe segundo uma série sucessiva. A **Retórica** define a **espacialidade da representação**, tal como ela nasce com a linguagem; a Gramática define para cada língua a ordem que reparte no tempo essa espacialidade. É por isso que, como se verá mais adiante, a Gramática supõe a natureza retórica das linguagens, mesmo das mais primitivas e das mais espontâneas (FOUCAULT, 2002, p. 116, grifo nosso).

A noção de “espaço(s)” ou de “lugar(es)”, pois, tem uma condicionante pautada na estrutura da linguagem: trata-se, antes, de identificar os modos de fixação, no espaço-tempo, de determinada fala, conceito, abordagem, método – ou, simplesmente, conforme o léxico foucaultiano, a “espacialidade da linguagem”. Eis o que procuramos a partir da constituição do presente objeto de estudo: os tropos que demarcam a Organização do Conhecimento (OC) hoje.

Se a “lente” permitida pela abordagem analítica de Dahlberg nos conduz ao conceito “assim como ele é” na visão de um dado grupo de interlocutores no espaço-tempo, a ênfase dos *loci* epistêmicos nos leva ao plano da relação que avança do espaço-tempo para (re)compreender os modos (locais) de constituição do conceito, o onde-como-quando se constitui dada elaboração conceitual. Como aponta Nietzsche (1999), em seu Curso de Retórica,

Entre os mais importantes artifícios da **retórica** contam-se os **tropos**, as designações impróprias. Mas todas as palavras são em si e desde o começo, quanto à sua significação, **tropos**. Em vez do que verdadeiramente tem lugar, instalam uma massa sonora que se dirija no tempo: a **linguagem nunca exprime nada em sua integridade, mas exhibe somente uma marca que lhe parece saliente**. (NIETZSCHE, 1999, p. 46, grifo nosso)

Os lugares-comuns ou tropos lançam, pois, um olhar sobre uma dada “primitividade” do conceito, bem como sua vivência na atualidade contingencial que fundamenta sua delicada estrutura orgânica, sua espaço-temporalidade sempre em risco. Aqui, mais uma vez, a noção de espaço e a noção de tempo não tem equivalência absoluta com questões de extensão-duração. Antes, o plano teórico de tal enfoque de cultura discursiva instaura a condição de uma potencial compreensão dos ambientes socioculturais de manifestação de um dado conceito e de seus modos de repercussão e de apropriação.

Dessa forma, os processos de contextualização que marcam as abordagens discursivas não se sustentam somente na e para a linguagem propriamente dita. Os discursos estão posicionados, ou seja, situados em um espaço-tempo historicizado por um conjunto de

determinações sociais. Assim, a disposição, por exemplo, do conceito de “linguagem documentária” dentro do capítulo de uma tese não representa um “lugar propriamente dito”, ou, ainda, o seu *locus* epistêmico. Esse é apenas uma parte de seus *loci*, um objeto na paisagem.

As dinâmicas dos *loci* epistêmicos demonstram que a construção de um “lugar” é pautada por uma rede de condições do discurso, que são manifestadas, empiricamente, por características como instituição, titularidade, gênero, classe social, capital financeiro, trajetória teórica. O lugar de um conceito é apenas a aparente figuração espacial de um movimento constante, a nossa (in)capacidade de ver a dança na imobilidade. As disposições são, sempre, marcas provisórias dos *loci* epistêmicos, ou seja, de dimensões sócio históricas e contingenciais que determinam (temporariamente) a afirmação de um e a negação de outro conceito, a semelhança ou a identidade entre os termos, a luta por um “espaço”, por um “destaque na paisagem”. Os *loci* epistêmicos são a abertura para a compreensão pré e pós-analítica do conceito, sem negar a sua intencionalidade conceitual.

Em linhas metodológicas mais pontuais, os *loci* epistêmicos se perguntam por questões discursivas como quem fala, de onde fala, quando fala, para quem fala (todos esses são tratados aqui como “lugares” onde os “lugares-comuns” se consolidam na linguagem, espaços discursivos onde se constitui o discurso no espaço). Essas demandas conceituais e suas abordagens, sabemos, recebem uma profunda tradição de compreensão e de demarcação metodológica a partir das chamadas “análises do discurso”. A procura teórico-metodológica do estudo, antes de mergulhar no debate sobre os efeitos da discursividade a partir das teorizações recentes sobre os discursos, como em Michel Pêcheux, procura retomar pressupostos da própria retórica em outro plano metametodológico.

Diferentes abordagens orientadas para o estudo da linguagem no campo informacional repercutiram na OC, como o caso do pensamento de Capurro (1992), dos estudos da pragmática, da fundamentação da Linguística, do plano semiológico Barthes (2001) e da semiótica peirceana. Do mesmo modo, a teorização crítica da OC estabelecida por García Gutiérrez (2001) posiciona, a partir da Retórica aristotélica, o papel dos tropos como fundamental para identificar, no plano materialista-histórico, as possibilidades de diálogo de um determinado campo a partir dos pontos de partida, dos locais de surgimento e constituição dos discursos, na busca por lugares pré-lógicos e paralógicos possíveis, ou seja, espaços anteriores e co-constituintes do significado que escapam das estruturas lógicas clássicas. A

abordagem dos tropos garcía-gutierreziana é reconhecida como uma visão desclassificatória, que permite identificar os dilemas ocultados pelas dimensões matemático-geométricas das estruturas hierárquicas de classificação.

O exercício teórico-metodológico de compreensão dos *loci* epistêmicos segue, pois, uma trilha que compartilha o desenho da busca de uma originalidade não só do objeto para o objeto (a pesquisa que aqui se realiza), mas da própria construção do objeto para o objeto (plano metarracional de estabelecimento de conceitos). Trata-se, enfim, de um percurso epistemológico-histórico revistado, que pode ser visualizado, por exemplo, nos estudos paralelos da semiótica de Eco (2001) em sua compreensão de Emanuele Tesauro e a relação entre o plano analítico e o plano retórico a partir do pensamento aristotélico. Dessa maneira, antes de pensar em “trazer a análise do discurso para estudar a OC”, acreditamos, assim como dado com a abordagem de Dahlberg, estar estabelecendo um diálogo com as próprias “primitividades” do âmbito conceitual e do âmbito metodológico da OC para pensa-la: o conhecimento da organização do conhecimento a serviço de uma organização da organização do conhecimento.

4 SOBRE A CONSTRUÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

É sabido que a própria Organização do Conhecimento (OC) é composta por diversos processos e atividades que proporcionam meios de se analisar, organizar, representar ou classificar qualquer domínio do conhecimento, tema ou missão-problema. Faremos uso de tais metodologias para autoanalisar a OC, com os instrumentos e ferramentas que a própria área disponibiliza. Desta forma, nos apropriaremos do conceito de metametodologia com o intuito de realizar essa tarefa.

A prática metametodológica recente relaciona necessariamente técnicas já existentes, sofisticando e ampliando suas aplicações. As metametodologias desafiam as práticas tradicionais uniformes, questionam alguns procedimentos padronizados para apresentar, de forma objetiva, novos experimentos. Não há limites nas interações, apenas os da capacidade de realização de seus pesquisadores (MIRANDA, 2003, p.162).

Assim como explicado por Miranda (2003), iremos proceder metodologicamente utilizando técnicas pré-existentes na OC, que foram estabelecidas com o objetivo de analisar áreas, domínios e disciplinas, ampliando suas aplicações, no caso da presente pesquisa, para

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

dentro do próprio escopo teórico de estudo - a OC - que, por sua vez, também é o objeto de estudo desta proposta e será analisado como um metadomínio.

Em relação ao estudo proposto, o principal método científico proveniente da OC adotado foi o método analítico conceitual de Ingetraut Dahlberg. Este método tem como principal proposta esclarecer a natureza e a estrutura dos conceitos através da ideia da análise triangular conceitual, onde o conceito é analisado baseado em seu referente e suas características constituintes essenciais, acidentais e individualizantes, que formam os conteúdos desses conceitos. (DAHLBERG, 1983).

A escolha do método analítico conceitual da Dahlberg se justifica pelo fato da relação entre teoria, metodologia e *corpus*, ou seja, a definição do objeto pauta a centralidade da escolha do método. Como a etapa do estudo se constitui a partir da procura por um modo de apropriação (o método) de um dado conjunto de fontes científicas (artigos), a noção de conceito retirada do método dahlbergiano se coaduna de maneira espelhada na relação entre teoria e *corpus*. Em outras palavras, o método se integra diretamente ao plano teórico (a fundamentação da organização do conhecimento) e ao discurso do *corpus*: através de conceitos a ciência busca se constituir e faz-se aqui a principal procura da racionalidade proposta por Dahlberg em sua abordagem analítica.

Outros processos metodológicos provenientes da OC - como a indexação, a categorização e a elaboração de mapas conceituais - também serão, em outros momentos, aplicados no desenvolvimento deste estudo. Tais métodos foram elaborados por estudiosos da OC, com o propósito de melhor organizar, analisar e representar áreas do conhecimento. Esses métodos serão utilizados, como já foi dito, pois decidimos fazer uso do ferramental metodológico da própria OC para análise de seu domínio.

A noção de *loci* epistêmicos, a partir da proposta conceitual que será desenvolvida como categoria analítica e discursiva, serve aqui, em um diálogo entre epistemologia histórica, Ciência da Informação (CI) e OC, para estabelecer uma “lente conceitual” com o objetivo de observar não apenas a OC, mas possíveis outros *loci*, onde discursos se estabelecem como forças de retenção e de tensão de ideias, manifestadas através da linguagem e instrumentalizadas através de métodos e técnicas.

Juntos, posicionados no curso da pesquisa, o método analítico e o método discursivo dos *loci* permitem a compreensão da dinâmica complexa da produção à apropriação de

conceitos em OC, elementos tais da cultura epistêmica que, por sua vez, nos levam à compreensão de um conhecimento estabelecido em dado espaço-tempo.

5 AS PAISAGENS DAS PESQUISAS CONSOLIDADAS E DAS PRÁTICAS METODOLÓGICAS PARA UM ESTUDO METAMETODOLÓGICO DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Desde que conceitos e métodos atribuídos aos estudos provenientes à OC começaram a surgir nos cursos de graduação e pós-graduação ou nos eventos e artigos científicos, foram iniciadas também as discussões sobre a origem dos interesses nessa temática.

Será relatado a seguir o estudo bibliográfico e epistemológico-histórico, onde buscamos esboçar um plano metametodológico de análise da Organização do Conhecimento (OC), a partir das próprias metodologias de análise existentes na OC. Dessa forma, faz-se uso do método analítico conceitual, da indexação, da categorização, além de outros métodos provenientes dos estudos em OC. Faz-se relevante reafirmar aqui que o estudo não tem como foco, nessa fase, o corpus bibliográfico e epistemológico-histórico, mas sim, a própria reflexão sobre a metodologia, a partir de sua apropriação e de sua avaliação.

Dado o referencial teórico, compreendemos a potência, a abrangência e a vivência do conceito de “organização do conhecimento” como demarcador de uma extensão, mais especificamente, de diversos lugares epistêmicos, uma arena de discursos que disputam o espaço e o tempo de uma centralidade dos estudos informacionais.

Vimos que, para Dahlberg (1993, p. 212), a OC é a ciência que estrutura e organiza sistematicamente unidades do conhecimento (conceitos) segundo seus elementos de conhecimento (características) inerentes e a aplicação desses conceitos e classes de conceitos ordenados a objetos ou assuntos.

Já para Hjørland o significado de OC se desdobra em dois sentidos, um amplo e um restrito. Em sentido amplo, de acordo com o autor:

A Organização do Conhecimento trata da divisão social e mental do trabalho, a organização das universidades e outras instituições de pesquisa e educação superior, a estrutura das disciplinas e profissões, a organização social da mídia, a produção e disseminação do conhecimento etc. (HJORLAND, 2008, p. 86).

Já em sentido restrito o autor afirma que a OC se relaciona com diversas atividades, entre elas “descrição de documentos, indexação e classificação em bibliotecas, bases de dados bibliográficas, arquivos e outros tipos de ‘memória institucional’” (HJORLAND, 2008, p. 86).

Podemos notar que há divergência entre correntes conceituais que se transparecem ao nos debruçarmos sob os conceitos de OC, a esse respeito, Fujita (2008) afirma que

[...] a área está em pleno vigor dado suas diversidades conceituais teóricas e metodológicas em discussão. Portanto, se por um lado, falta à área de Organização do Conhecimento uma consolidação científica, de outro, é inegável sua diversidade conceitual e o impacto de seus resultados para a Organização do Conhecimento de outras áreas científicas. Nesse contexto, é absolutamente fundamental à comunidade científica conhecer seu domínio em Organização do Conhecimento (FUJITA, 2008, p.5).

Desta forma torna-se bastante pertinente o uso da expressão “organização do conhecimento” como categoria analítica de compreensão da realidade sobre a própria OC, já que aqui consideramos ser pertinente partir dessa lente tão vasta e divergente, que é o conceito de OC, para chegar ao mapeamento planejado.

5.1 O Escopo Conceitual da Organização do Conhecimento no Brasil

Para demonstrar o processo metametodológico utilizado no estudo, iniciamos com um levantamento de definições e descrições relacionadas à OC realizado, preliminarmente, em uma revista brasileira, contida na área de avaliação “Comunicação e Sociedade” e que recebeu a qualificação da Capes Qualis A1. Das quatro revistas que apresentaram esse perfil, a revista escolhida para análise foi a Transinformação.

A revista Transinformação é especializada, com periodicidade quadrimestral, editada pela Faculdade de Biblioteconomia, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Foi fundada em 1989 e publica artigos nas áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) e em suas diversas subáreas e interfaces.

A estratégia de levantamento foi efetuada na busca avançada da revista Transinformação pela expressão “organização do conhecimento” explorado nos seguintes metadados: título, palavras-chave e resumo, entre os anos de 2001 e 2016.

A pesquisa retornou um quantitativo de 9 (nove) artigos que podem ser verificados no Quadro 1, a seguir:

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

Quadro 1: Artigos identificados na Revista Transinformação.

Nº	ARTIGO	ANO
1	Política de indexação em bibliotecas universitárias: estudo diagnóstico e analítico com pesquisa participante. Mariângela Spotti Lopes Fujita; Luciana Beatriz Piovezan dos Santos. v. 28, n. 1	2016
2	A publicação de dados governamentais abertos: proposta de revisão da classe sobre Previdência Social do Vocabulário Controlado do Governo Eletrônico. Cláudio José Silva Ribeiro; Durval Vieira Pereira. v. 27, n. 1	2015
3	A organização do conhecimento na dinâmica da pesquisa em artigos da literatura científica da Brapci. Juliana Lazzarotto Freitas; Bruna Silva do Nascimento; Leilah Santiago Bufrem. v. 26, n.3	2014
4	Taxonomias navegacionais em sítios de comércio eletrônico: critérios para avaliação. Raphael da Silva Cavalcante; Marisa Bräscher. v. 26, n. 2	2014
5	Folksonomia: esquema de representação do conhecimento? Mariana Brandt; Marisa Brascher; Basílio Medeiros. v. 22, n. 2	2010
6	Garantia literária: elementos para uma revisão crítica após um século. Mario Barité; Juan Carlos Fernández-Molina; José Augusto Chaves Guimarães; João Batista Ernesto de Moraes. v. 22, n. 2	2010
7	Classificação analítico-sintética: reflexões teóricas e aplicações. Lígia Maria Arruda Café; Aline Bratfisch. v. 19, n. 3	2007
8	Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. Antonio García Gutiérrez. v. 18, n. 2	2006
9	Institucionalização da pesquisa científica no Brasil: cartografia temática e de redes sociais por meio de técnicas bibliométricas. Nair Yumiko Kobashi; Raimundo Nonato Macedo dos Santos. v. 18, n. 1	2006

Fonte: Os Autores (dados coletados em maio de 2017).

O segundo movimento desta etapa foi buscar no conteúdo de cada um dos artigos definições ou descrições de OC, ou seja, explicações dos conceitos e métodos comuns à OC, sendo elas citações de outros estudos ou criação dos próprios autores do artigo, desde que estivessem no âmbito do presente século.

Ao todo foram encontradas 18 definições/descrições referentes à OC nos artigos analisados. Sendo que no artigo de nº 1 foi encontrada uma explicação de OC, elaborada pelas próprias autoras e uma citação. No artigo de nº2 identificamos duas explicações sobre OC tecidas pelos próprios autores. Já, no artigo três não contém nenhuma definição ou descrição referente à OC. No artigo de nº4 foram encontradas cinco explicações de OC, sendo quatro das autoras e uma citação. No artigo de nº5 destacamos quatro explicações sobre OC, sendo três das autoras e uma citação. O artigo de nº 6 Embora defina alguns outros elementos constituintes da OC, não contém definição ou descrição de OC. Já no artigo de nº 7 identificamos quatro explicações elaboradas pelas próprias autoras. O artigo de nº8 não contém definição ou descrição de OC e no artigo de nº9 recuperamos somente uma explicação referente à OC.

Por meio da análise de autoria dos discursos identificados foi possível chegar a algumas potenciais variáveis que compõem os "lugar(es)" de fala, ou seja, as paisagens onde se

estabelecem tais lugares comuns por onde a OC caminha atualmente. Desta forma, ao analisar o perfil dos autores das definições e descrições de OC tivemos ao todo 16 pesquisadores, entre eles 10 mulheres e 6 homens. Os lugares de fala dos autores foram identificados por meio dos locais das instituições que são por eles representadas no momento da publicação do artigo. Dessa forma, tivemos a seguinte paisagem no âmbito nacional:

Figura 1: Instituições dos autores das descrições e definições de OC



Fonte: os Autores (dados coletados em junho de 2017).

Dos 16 pesquisadores que compuseram essa amostra, 12 deles são brasileiros e vinculados como docentes / pesquisadores ou alunos de pós-graduação nas universidades citadas na figura 1. As informações curriculares dos pesquisadores brasileiros foram levantadas na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Em relação aos pesquisadores estrangeiros, que fizeram parte das descrições que foram citadas nos artigos analisados, estes, no momento da publicação encontravam-se vinculados às seguintes instituições: *Royal School of Library and Information Science* – Dinamarca; *International Society for Knowledge Organization (ISKO)* – Alemanha; *University College London* – Inglaterra.

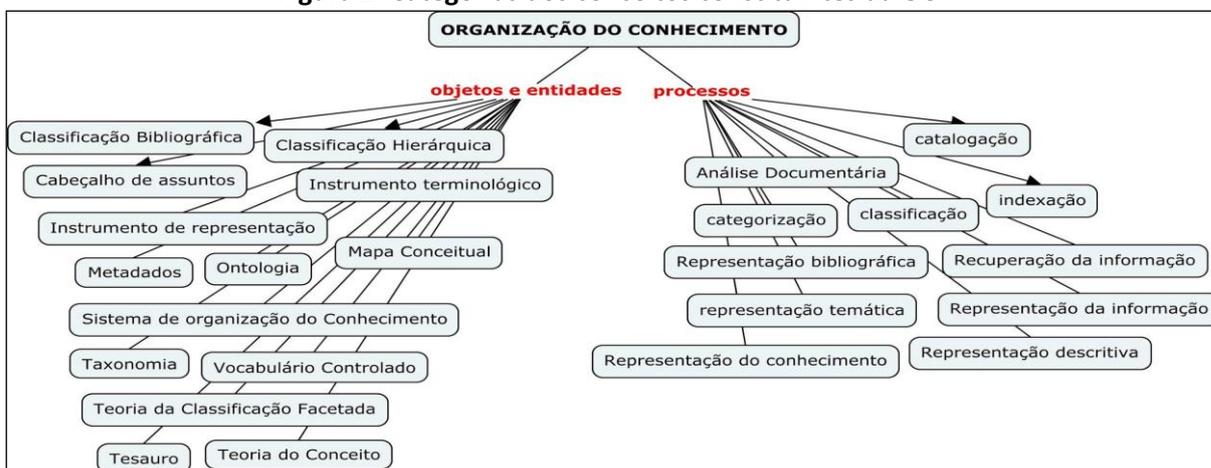
Esse pequeno movimento de análise possibilita destacar alguns dos lugares onde a OC se aloca, onde o discurso se constitui imerso em toda a trama de questões sociopolíticas que definem seus movimentos.

5.2 O Lugar dos Lugares-Comuns na Organização do Conhecimento no Brasil

A partir do processo de indexação (análise e tradução) das definições e descrições foram extraídos os principais assuntos que eram descritos como parte constituinte da OC. Esses podem já ser o indicativo do que convencionamos chamar nesse estudo de *tropo*, ou seja, os "lugares-comuns", ou "temas recorrentes" que são apresentados nos discursos atuais da OC, em seus possíveis *Loci* epistêmicos, no âmbito do recorte da pesquisa. Os 25 conceitos e expressões levantadas foram: análise documentária; cabeçalho de assuntos; catalogação; categorização; classificação; classificação bibliográfica; classificação hierárquica; indexação; instrumento terminológico; instrumento de representação; mapa conceitual; metadados; ontologia; recuperação da informação; representação bibliográfica; representação da informação; representação descritiva; representação do conhecimento; representação temática; sistema de organização do conhecimento; taxonomia; teoria da classificação facetada; teoria do conceito; tesauro; vocabulário controlado.

De acordo com a análise proposta por Dahlberg, pela sua natureza categorial tais conceitos podem ser categorizados da seguinte forma, que pode ser observada na Figura 2:

Figura 2: Categorias dos conceitos constituintes da OC.



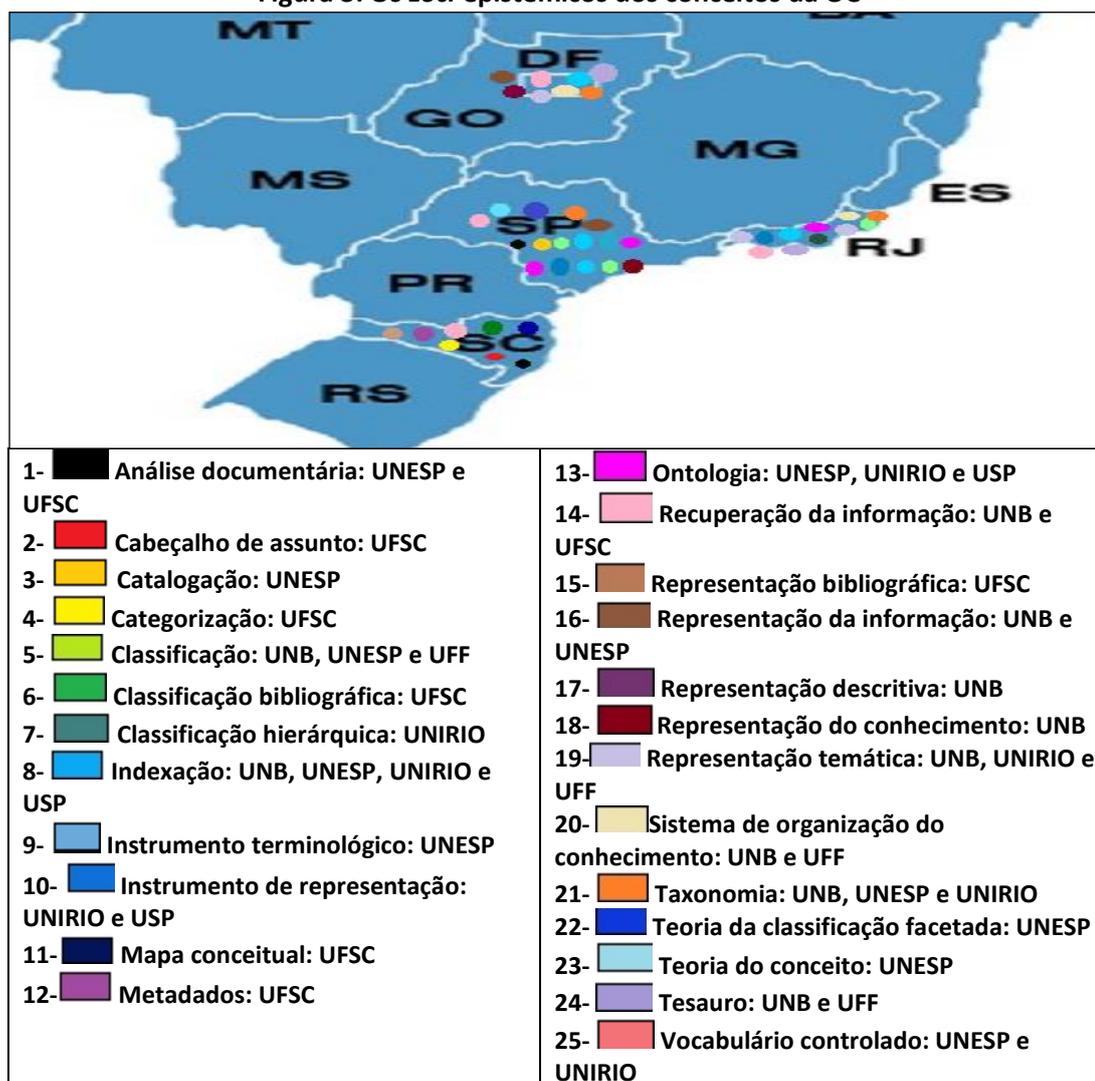
Fonte: os Autores (dados coletados em junho de 2017).

Para fins desse estudo consideramos na primeira categoria "Objetos e Entidades" qualquer objeto material ou de cunho documental produzido pelo homem, como os instrumentos de representação e os mapas conceituais e, juntamente a eles, listamos as entidades que entendemos como tudo aquilo que constitui a essência de algo real como, por

exemplo, as teorias e disciplinas. Já na categoria “Processo” foram agrupadas as ações e procedimentos de diversas naturezas.

O cruzamento dos dados relativos aos principais conceitos identificados na abordagem metametodológica analítica e os “lugares” onde os mesmos encontram-se enraizados, por meio de uma publicação em revista, ou seja, o que aqui convencionamos chamar *loci* epistêmicos pode dar início a um mapeamento conceitual da OC. Tal mapeamento foi analisado em termos exploratórios levando em consideração os *loci* existentes em âmbito nacional, no caso do presente estudo, representados pelas instituições de vínculo dos autores das descrições. Desta forma foi possível chegar à seguinte simulação inicial de cartografia temática:

Figura 3: Os *Loci* epistêmicos dos conceitos da OC



Fonte: os Autores (dados coletados em junho de 2017).

Com base no processo que resultou nos termos aqui demonstrados torna-se possível identificar e mapear os *loci* epistêmicos da OC e, por meio de outras análises possibilitaria também cartografar a extensão ocupada, as fronteiras e as delimitações da OC.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos que, como observado anteriormente nos apontamentos teóricos do estudo, a construção dos *loci* epistêmicos é tecida por uma rede de premissas do discurso demonstradas na prática por atributos como uma instituição, uma titularidade ou uma trajetória teórica.

Dessa forma, objetivamos demonstrar em primeira instância os *loci* da Organização do Conhecimento representado por meio das instituições de vínculo dos autores dos artigos que tratam do assunto, levantados na presente pesquisa, como uma forma de demonstrar em quais universidades estão sendo pesquisados os assuntos/temáticas em questão.

Por outro lado, ao nos darmos conta de que um pesquisador não é fruto somente das pesquisas realizadas em sua instituição de vínculo, já que exercem parcerias relativas a seus projetos de pesquisa com outras instituições, podemos supor, também recorrendo ao arcabouço teórico do estudo, que o “lugar” de tais pesquisas e conceitos é apenas uma aparente expressão espacial de uma dinâmica contínua. É necessário que se persiga o caminho completo para que se consiga mapear toda a extensão do “lugar” ocupado, além de todas as marcas deixadas pelo caminho traçado. Dessa forma responderemos às tais questões discursivas citadas, como quem fala, de onde fala, quando fala, para quem fala, para assim poder constituir o discurso no espaço.

Uma dupla via metodológica aqui se anuncia: uma direção analítico-conceitual, outra discursiva. Ambas têm um solo epistemológico comum: Aristóteles (“um” Aristóteles do Organon, “outro” da Retórica). Porém, pelas lentes da OC, as duas vias estão igualmente fundadas no campo informacional. Elas partem de experimentos já apontados por diferentes teóricos. Porém, reconhecemos a hegemonia do plano de aplicação e de teste da primeira abordagem, principalmente a partir da expressão do pensamento de Ingetraud Dahlberg.

Na via discursiva, reconhecemos a existência de uma frente de trabalhos contemporâneos, principalmente envolvidos com a aproximação entre a análise do discurso e as teorias da OC. Em geral, a noção de indexação social tende abarcar essas abordagens. Em nosso caso, trata-se de recuperar o pensamento retórico dos tropos e repensar a apropriação

da noção de lugares-comuns em um plano crítico-discursivo amplo. Atentamos, porém, para o ponto de vista epistemológico-histórico de Emanuelle Tesauro, já influenciado pela visão aristotélica, bem como em abordagens epistemológicas atuais, como antevistas em Rafael Capurro e García Gutiérrez.

Ambas as vias atendem adequadamente a um objetivo central do estudo: uma experiência metametodológica no âmbito da OC. Dois caminhos, pois, foram aqui trilhados e seguem seu curso. O primeiro representa a construção de uma reflexão sobre as próprias abordagens teórico-metodológicas da OC. O segundo aponta para a capacidade de adoção dos próprios pressupostos teóricos e das próprias ferramentas metodológicas da OC para refletir a própria configuração epistemológica do que hoje tratamos como “organização do conhecimento”. A convergência das duas dimensões metametodológicas, por sua vez, será a responsável por uma compreensão crítico-histórica do contexto nacional de desenvolvimento da Organização do Conhecimento. Por fim, é importante destacar que nos parece desejável que o estudo metametodológico seja ampliado a partir de outras fontes científicas, ampliando os potenciais de avaliação dos métodos.

REFERÊNCIAS

BARITÉ, Mario *et al.* Garantia literária: elementos para uma revisão crítica após um século. **Transinformação**, Campinas, v. 22, n. 2, 2010.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAFÉ, Lígia Maria Arruda; BRATFISCH, Aline. Classificação analítico-sintética: reflexões teóricas e aplicações. **Transinformação**, Campinas, v. 19, n. 3, 2007.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. **Linguagem documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói: EdUFF, 2001.

CAPURRO, R. What is Information Science for? a philosophical reflection In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Ed.). **Conceptions of Library and Information Science; historical, empirical and theoretical perspectives**. In: International conference for the celebration of 20th anniversary of the department of information studies, University of Tampere, Finland.1991. *Proceedings...* London, Los Angeles: TaylorGraham,1992. p. 82-96.

CAVALCANTE, Raphael da Silva; BRÄSCHER, Marisa. Taxonomias navegacionais em sítios de comércio eletrônico: critérios para avaliação. **Transinformação**, Campinas, v. 26, n. 2, 2014.

DAHLBERG, I. Conceptual definitions for interconcept. *International Classification*, v. 8, n. 1, p. 16-22, 1981.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

_____. Knowledge Organization: a new Science? Knowledge Organization.v. 33, n.1, p.11-19, 2006.

_____. Knowledge organization: its scope and possibilities. Knowledge Organization, v. 20, n. 4. p.211-222, 1993.

_____. I. A Referent-oriented analytical concept theory of interconcept. International Classification, Frankfurt, v.5, n.3, p.142-150, 1978.

_____. Terminological definitions: characteristics and demands. In: Problèmes de la définition et de la synonymie en terminologie. Québec, GIRSTERM, 1983. p. 13-51.

ECO, Umberto. **Semiótica e Filosofia da Linguagem**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

BRANDT, Mariana; BRASCHER, Marisa; MEDEIROS, Basílio. Folksonomia: esquema de representação do conhecimento? **Transinformação**, Campinas, v. 22, n. 2, 2010.

FOUCAULT, M. **As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FREITAS, Juliana Lazzarotto; NASCIMENTO, Bruna Silva do; BUFREM, Leilah Santiago. A organização do conhecimento na dinâmica da pesquisa em artigos da literatura científica da Brapci. **Transinformação**, Campinas, v. 26, n.3, 2014.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Organização e representação do conhecimento no Brasil: análise de aspectos conceituais e da produção científica do Enancib no período de 2005 a 2007. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 1-32, 2008. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/7781>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; SANTOS, Luciana Beatriz Piovezan dos. Política de indexação em bibliotecas universitárias: estudo diagnóstico e analítico com pesquisa participante. **Transinformação**, Campinas, v. 28, n. 1, 2016

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. **Epistemología de la Documentación**. Barcelona: Stonberg Editorial, 2011.

GARCÍA GUTIÉRREZ , Antonio. Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. **Transinformação**, Campinas, v. 18, n. 2, 2006.

HJORLAND, Birger. What is Knowledge Organization (KO)? **Knowledge Organization**, v.35, n. 2-3, p. 86-101, 2008.

KOBASHI, Nair Yumiko; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Institucionalização da pesquisa científica no Brasil: cartografia temática e de redes sociais por meio de técnicas bibliométricas. **Transinformação**, Campinas, v. 18, n. 1, 2006.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

MIRANDA, Antonio. **Ciência da Informação**: teoria e metodologia de uma área em expansão. Elmira Simeão (org.). Brasília: Thesaurus, 2003. 212 p.

NIETZSCHE, Friedrich. **Da retórica**. 2.ª ed. Lisboa: Vega, 1999.

RIBEIRO, Cláudio José Silva; PEREIRA, Durval Vieira. A publicação de dados governamentais abertos: proposta de revisão da classe sobre Previdência Social do Vocabulário Controlado do Governo Eletrônico. **Transinformação**, Campinas, v. 27, n. 1, 2015.

TESSER, Gelson João. Principais linhas epistemológicas contemporâneas. **Revista Educar**, Curitiba, n. 10, dez.1994, p. 91-98. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601994000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 mar. 2017.